

## VIOLÊNCIA E DESARMAMENTO

Patrus Ananias de Sousa, deputado federal  
e membro da Academia Mineira de Letras

Os dados divulgados recentemente por uma conceituada revista semanal brasileira sobre a violência no país são alarmantes. O Brasil tem 8 milhões de armas de fogo. Ocorre no território nacional um assassinato a cada 12 minutos. Somos campeões mundiais de homicídios em números absolutos, segundo a Organização Mundial de Saúde. São mais de 45 mil pessoas assassinadas por ano. Temos 3% da população mundial e somos responsáveis por 13% das “mortes matadas” que acontecem anualmente na face da terra. O custo da violência nas três maiores regiões metropolitanas – São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte – corresponde a 5% do Produto Interno Bruto de cada uma delas. A soma das três, com os custos desta violência, atinge três bilhões de reais por ano. No Brasil, 70% dos crimes praticados contra a vida humana são cometidos por motivos fúteis.

Sabemos, ainda, que cerca de metade das vítimas dessa guerra civil estúpida e não declarada são os nossos jovens entre 16 e 24 anos de idade.

A Câmara dos Deputados está discutindo o Estatuto do Desarmamento. Fundamental a participação da sociedade nesse debate. Alguns querem que o comércio de armas continue totalmente liberado e praticamente sem controle do Estado. Argumentam que o projeto tal como foi aprovado no Senado impede as pessoas de bem de se defenderem dos marginais e assaltantes. Cabe uma reflexão séria sobre essa questão. Caso prevaleça esse ponto de vista estaremos voltando à barbárie e aos estágios primitivos anteriores à organização da sociedade e do Estado. Este, o Estado, tem o dever indeclinável de proteger a vida, a segurança, a liberdade, o patrimônio dos cidadãos.

Se cada um de nós se defender por conta própria estaremos consolidando a lei da selva, do mais forte ou do mais esperto no uso das armas, do “salve-se quem puder”. Estou convencido de que nessa guerra sem limites perdem os homens e mulheres de boa vontade, cuja maioria seguramente não sabe e não quer aprender as técnicas de pistolagem.

Cabe recordar que as armas alimentadoras da violência, dos assaltos, dos latrocínios são as armas que circulam livremente, negociadas à vontade sem a presença fiscalizadora e inibidora dos poderes públicos. Quanto mais liberado o mercado, com maior

facilidade as armas mortíferas chegam às mãos dos criminosos e daqueles que estão ensaiando os primeiros passos nos caminhos da transgressão e da marginalidade, como, infelizmente, é o caso de tantas crianças e adolescentes.

Nós, os desarmados, estaremos nessa disputa estúpida para ver quem é mais rápido no gatilho? Parece-me uma lógica insana! Fácil prever os resultados: a escalada brutal e sem limites da “espiral da violência” e mais mortes de pessoas honestas. Nesse tipo de guerra, ganha quem se prepara para tirar a vida do seu semelhante. As ações dos delinqüentes são sorradeiras: atacam de súbito. Nessas condições de pouco adianta a vítima ser bom atirador.

Já temos um passivo gravíssimo: o sucateamento do Estado e dos órgãos públicos responsáveis pela vida e segurança das pessoas levou ao surgimento e proliferação das empresas privadas que atuam nessa área. Milhares de pessoas são treinadas para atirar e matar e jogadas para agir na comunidade sem nenhum controle hierárquico e institucional. Os agentes de segurança de tantas famílias, prédios e propriedades, muitas vezes voltam-se, atraídos por maiores ganhos, contra a sociedade e seus próprios empregadores.

Importante ainda recordar que a maioria das mortes ocorre por motivos fúteis. Brigas familiares, no trânsito, no bar, entre torcidas e vizinhos, mal entendidos que não deveriam ir além de desabafos e, talvez, pequenos entreveros, tornam-se tragédias irremediáveis. Cria-se uma cultura da violência e da desforra, perde-se o sentido maior da vida como elemento fundante e fator de coesão da vida social. Banaliza-se a morte. Matar torna-se uma coisa fácil e corriqueira. Não podemos aceitar isso! A violência está corroendo as bases do grande e almejado projeto nacional. Não se constrói uma pátria sobre as ruínas da morte. Não se combate a violência liberando as armas e retornando ao estado de natureza hobbesiano da guerra de todos contra todos. Como cidadão brasileiro, quero que minha vida, da minha família, dos meus amigos e de todos os brasileiros sejam asseguradas pelo Estado. Para isso pagamos impostos!

Patrus Ananias  
Deputado Federal